

# Ame um Cacto

Francisco Carvalho



"Você deveria arrumar um emprego de verdade."

- Pai.

## Rotina

Não tinha televisão em casa. Entretenimento eram a bíblia e o corpo de Denise no vestido desbotado. A bíblia era difícil entender. O corpo de Denise se explicava no toque, no beijo, no sexo. Filhos, não tinham, não que não tentassem todos os dias, tentavam, Bastião gostava das tentativas tanto quanto Denise. Todos os dias uma rotina feliz se seguia. Quando o sol se escondia por traz do morro, o candieiro era aceso e Denise se despia. Ao ver Denise nua o cansaço do trabalho no campo se fazia findo. Bastião amava Denise com mãos, boca e pinto. O amor de Bastião não se resumia ao abstrato, exigia o tato, e Bastião tateava, e tateando se perdia nos seios, barriga e sexo da mulher amada. Televisão não fazia falta. Os gemidos de Denise assistidos pela luz do candieiro em cima da mesa e da lua que entrava através da janela entreaberta eram um espetáculo maior que qualquer filme clássico da sessão coruja. Diferente dos filmes, esta história nunca teve reviravolta, foi assim até deixar de ser.

Tinha

Tinha aquela mesa de metal, coberta por uma toalha branca manchada de carne, com quatro cadeiras de plástico. Tinha aquele ventilador barulhento soprando ar quente por toda a sala. Tinha aquela televisão de tubo que por vezes desligava sozinha e só voltava a ligar com uma tapa. Tinha aquele radio-relógio que sintonizava apenas AM. Tinha aquela poltrona para três pessoas com o couro dos braços rasgado. Tinha aquela foto do Djavan com uma dedicatória quase apagada pela infiltração da parede da casa ao lado. Tinha aquele recorte de um poema meu publicado no jornal, colado na porta de vidro da cozinha. Tinha aquela geladeira pequena que eu comprei por uma barganha de um traficante do meu antigo bairro. Tinha aquele fogão de mesa com apenas duas bocas e que só podia ser aceso com uma chave inglesa. Tinha aquela cama que ganhei naquela festa da igreja e que fora de um padre que acabara de morrer. Tinha aquela caixa grande de bolacha que usávamos como guarda-roupa. Tinha aquelas cuecas de elástico frouxo, aquelas calcinhas desbotadas, aquelas camisas que ganhei do meu pai, aqueles vestidos que você ganhou da sua mãe, aquelas calças, aquelas saias, aquele meu par de sapatos marrom, aquela tua alpercata que fazia barulho quando

andava, aquela corrente de nossa senhora e aquele brinco de ouro falso. Tinha você, linda, de cabelos soltos, com a sua pele negra refletindo a luz da lâmpada de quarenta volts, enquanto sentada no meu colo conduzia a nossa dança disfarçada de transa. Tinha eu, balbuciando teu nome, encantado com o brilho da tua pele, hipnotizado pelo balançar dos teus seios, e pensando, que naquele momento, não tinha no mundo, homem mais rico e feliz que eu.

## Eu, Lúcia e o mar

Tinha um aviso colado em um coqueiro: “Proibido Atos Obscenos nas Jangadas”, eu li em voz alta na intenção de persuadir Lúcia a recuar na decisão de me chupar ali, atrás de uma jangada por nome “Neusa”, virada de frente para o mar. Ela, a Lúcia, sorriu e ajoelhou-se como se tivesse a intenção de interceder a algum santo dos atos obscenos, pelo ato que iria fazer em seguida. Sua intenção, que não era interceder, ficou clara quando suas mãos abriram o zíper da minha calça. “Quem usa calça na praia?” ela perguntou antes de acomodar meu pau em sua boca úmida, porém quente. Eu, que teimava em não aceitar a ideia de ser chupado de frente para o mar enquanto pessoas laranjas corriam no calçadão, me vi convencido por sua lábia de mulher louca, linda e decidida. A Neusa, a jangada, rangia, parecia querer me acompanhar em gemidos, e eu gemia, nunca consegui entender esses homens que se negam a gemer, é uma reação completamente aceitável diante de um acontecimento como ser chupado de frente para o mar, encostado em uma jangada chamada Neusa, que range, enquanto pessoas laranjas correm.

Você nunca ouviu isso

Ela deixou uma mensagem na sua caixa postal dizendo que sentia falta do seu sexo, e queria tentar aquilo que nunca tentaram, e que, se não desse certo, poderiam fazer aquilo que sempre fizeram. Ela disse essas coisas e despediu-se com aquela risada que sempre soltava antes de fazer o que vocês faziam em todos os cômodos da casa, quando a casa também era a sua casa. Depois da mensagem e da risada na caixa postal, ela jogou o celular na mesa e foi feliz ao chuveiro, tomou um daqueles banhos demorados, saiu ainda com o corpo molhado e escolheu na gaveta de calcinhas, aquela calcinha vermelha fio dental, na qual você adorava vê-la vestida, tanta a sua adoração que despi-la daquele traje parecia sempre algo errado a se fazer, mas você o fazia, a recompensa por tal sacrilégio era maior que o castigo, na dúvida do que usar para cobrir os seios, que você adorava nus, porque aquele que era milimetricamente maior que o outro e tão belo quanto, tinha um sinal que parecia ganhar vida quando molhado por saliva de chupões barulhentos, eram pequenos, mas do tamanho certo para você descansar sua cabeça, vendo o azulão jogar, isso te confortava após um dia cansativo de trabalho, ela sabia disso, e também tinha consciência do seu amor pelo CSA, logo, nada mais poético que cobrir

os seios com a camisa do seu time de coração, seios cobertos, mas ainda assim, aos olhos mais críticos de um regatiano fervoroso, desejáveis, ainda era possível ver os mamilos ouriçados por pensamentos sacanas do que seria a noite. O quarto cheirava a ela, e Bob tocava no rádio, aquela música que falava em fazer amor. Ela, sentada no chão da sala, folheando uma revista, esperava a sua presença, esperava o seu respirar ofegante, esperava o seu beijo, esperava seu sorriso vendo os seios dela ouriçados sob a camisa do Clube Sportivo Alagoano, esperava teu ajoelhar diante dela vestida na calcinha vermelha fio dental que você não tinha pressa de tirar, esperava você beijar-lhe a barriga, tirar-lhe a calcinha, e chupa-la a boceta ali mesmo, de joelhos, ao som de Bob, ela esperava você com a intenção de dizer: “Vamos tentar por trás?”, ela esperava você, ela esperou. O telefone não estava ao alcance das mãos, e você deitado em um colchão no chão do quarto, do seu novo apartamento, não quis esticar-se para pega-lo. Não soube que ela queria tentar aquilo que nunca tentaram, mas que se não desse certo, podiam fazer aquilo que faziam sempre, também não ouviu a risada dela ao final da mensagem, aquela risada



que te estimulava a ereção e os pensamentos mais sacanas possíveis. Não ouvindo a mensagem, não ouvindo a risada, não atravessou a cidade correndo, não apareceu na porta dela com a respiração ofegante, não lhe deu um beijo demorado, não sorriu vendo ela vestida na camisa do CSA, que mesmo lhe cobrindo os seios, deixava a mostra sua excitação, não se ajoelhou diante dela vestida naquela calcinha vermelha fio dental, não lhe beijou a barriga, não lhe chupou a boceta, não a ouviu dizer: “Vamos tentar por trás?”. Não, você nunca ouviu isso, porque ela nunca te disse. Você não quis esticar o braço, pra pegar o celular que, não por coincidência, tocava uma música do Bob que falava em fazer amor. Agora durma, nada disso aconteceu.

## Aquela

Aquela pichação que fiz no muro da tua casa, durante a madrugada. Aquela madrugada em que eu jurei amor em um inglês ruim. Aquele inglês ruim que você gostou de ouvir porque parecia aquela música internacional. Aquela música internacional que tocava no rádio, no quarto daquele motel onde tivemos a nossa primeira vez. Aquela vez, em que, depois do sexo, te prometi uma pichação no muro da tua casa. Aquela casa de onde expulsaram a tua família para construir um estádio para a copa. Aquela copa em que o Brasil perdeu para a Alemanha de 7 a 1. Aquele 7 a 1 que assistimos na rodoviária, rindo de todos que choravam, antes que eu chorasse te vendo partir de volta pra Exu. Aquela sua partida que foi pior que qualquer 7 a 1.

## A-ção

"Eu sou apertadinha, poeta, você vai gostar de mim" ela disse. Eu sorri um sorriso metade malícia, metade vergonha, e continuei escrevendo poemas sujos no meu caderno com capa de camurça. "Eu era da igreja, saí por falta de ação, entendeu? A-ção!" ela colocava ênfase na ação, e enquanto falava passava a língua sobre o lábio inferior. Era, ao mesmo tempo, engraçado, doce e sacana. Eu me sentia mal por pensar maldades, mas eu pensava. A "a-ção" que ela enfatizava e falava pausadamente, me excitava. Ela passou a mão sobre minha perna, virou uma dose de cachaça, e foi ao banheiro, na espera que eu a seguisse. Eu, em contragosto de mim, fui embora do bar deixando para trás algumas cervejas penduradas na conta, e uma folha do caderno sobre a mesa com um pedido de desculpas em forma de poema.

"Queria agir,  
Queria te possuir,  
Queria te agarrar,  
E te consumir entre  
os poemas que ali já escrevi,  
Queria ir, quisera ir, quisera,  
Mas hoje eu quero apenas dormir,

Dormir lembrando tua voz de moça  
apertadinha me pedindo “a-ção”.

Perdão, mas hoje o poeta não  
sente-se apto a “agir”.

## Débito no visa

Comprou o buquê de rosas mais lindo e caro da floricultura, escreveu um poema em um bilhete, passou no débito um kit romântico com cd do Fábio Jr, uma caneca vermelha, uma toalha de rosto azul, e uma caixa de bombons artesanais. Pegou um ônibus, depois um trem, e quando chegou em casa, após abrir a porta procurando não fazer barulho, viu no sofá da sala, a vizinha com a cabeça entre as pernas de sua esposa. O buquê foi pro lixo, o bilhete virou confete, Fábio Jr não cantou, a caneca se partiu em três, a toalha de rosto virou pano de chão, e os bombons foram devorados pelos meninos da rua. Ela só queria alguém que não lhe batesse, alguém que lhe proporcionasse gemidos de gozo, alguém que fosse amável todos os dias, agora tinha tudo isso entre as pernas. E ele, ele tinha um débito pra pagar no cartão visa.

## Meia bomba

“Fumar bebendo café é melhor que qualquer foda do mundo” ela disse enquanto sentada na janela do quarto fazia bolinhas de fumaça. Eu sentado na cama, com o pau meia bomba, torcia para que o cigarro queimasse rápido. “Você não fuma?” ela perguntou. “Parei, estava ficando broxa” respondi. Ela desceu da janela em um pulo, colocou o cigarro entre meus lábios, e me chupou enquanto eu tragava aquele Derby azul com o sabor do batom vermelho dos lábios dela, torcendo para que o cigarro queimasse lentamente, e o pau não me frustrasse. “Acho que o cigarro não te afetou em nada” ela disse após parar de me chupar e erguer os olhos me encarando. “O que você acha?” perguntou. “Acho que vou voltar a fumar” respondi. Depois daquele dia voltei a fumar, e ela voltou para São Paulo. Vez ou outra me liga, pergunta se estou bem e se o cigarro me deixou broxa, respondo que não e ela sorri. Eu, fumando um cigarro, fico com o pau meia bomba, imaginando aquele sorriso de lábios vermelhos e dentes amarelos de nicotina.

A melhor

“Você é a melhor!” eu disse, dando naquelas mãos de unhas vermelhas, um pouco mais do que tínhamos combinado. Ela sorriu, colocou o dinheiro dentro do sutiã, e após se inclinar sobre a cama, cheirou a última carreira de pó que estava em cima da bíblia, se despediu e passou pela porta, de volta para esquina. Sentado na beira da cama, ouvindo um bêbado cantar no bar que ficava nos fundos do motel, bebi um gole grande de cachaça, e rasguei uma das últimas páginas da bíblia que tinha o verso em branco. Apanhando uma caneta no bolso da calça, que estava jogada no chão, escrevi um conto sobre uma mulher que diziam ser de vida fácil, mas que se fodia todas as noites para não precisar voltar ao sertão onde quem a fodia não era um escritor fadado ao fracasso, mas sim, o sol, a seca, o tio quando chegava bêbado do bar, durante a madrugada. Agora, na cidade grande, ela carregava um canivete pequeno junto ao peito, não seria fodida a força, antes cortaria a jugular de quem se atrevesse, da mesma forma que fez com o tio, antes de vir de carona para a capital. Eu, assim como o escritor do meu conto, era louco por aquela mulher.

A mulher que eu dizia ser a “melhor”, por medo de dizer “te amo!”.



"Deus seja louvado"

Eu sempre comia um pastel de carne, que com um suco de laranja custava dois reais, naquele restaurante japonês que foi interdito pelo ministério do trabalho por manter o pasteleiro e o cara que fazia o suco, em regime quase escravagista. Eu não sabia nada daquilo. Sentava na calçada com o pastel numa mão, o copo de suco na outra, e matava a fome assistindo jovens amantes se deliciando de seus desejos no lado mais escuro da praça, do outro lado da rua. Quando o pastel acabava e o fundo sujo do copo se revelava, eu acendia um cigarro e percorria o caminho de volta para minha função de vendedor de sapatos, andando sem pressa pelo lado não ensolarado da rua. O resto do dia me prendia aos pés suados e fétidos de madames mal amadas da elite alagoana. Vez ou outra, após um sorriso e uma piada de vendedor, uma dessas madames me dava uma nota de dois reais com o número do telefone escrito com caneta vermelha logo acima da frase "Deus seja louvado". Eu, um vendedor de sapatos com desejos literários e que não louvava a ninguém, metia os dois reais no bolso, e durante o intervalo do almoço do dia seguinte, saía pelo lado não ensolarado da rua para

comprar pastel com suco de laranja naquele restaurante japonês que agora só contrata angolanos.

## O cachorro, o gato, o periquito e o Mujica

Enquanto escrevo estes versos, trancado em um quarto sem janelas que cheira a morfo e a cigarros, do outro lado da rua, naquele terreno baldio onde preservativos usados cheios de porras doentes fazem companhia a cachimbos de crack improvisados em canos de pvc e latas de refrigerante, abutres rasgam e devoram a carne do meu cachorro, morto envenenado por algum dos meus vizinhos. Eu amava aquele cachorro, sempre tão obediente, sempre tão carinhoso, sempre tão estúpido. Agora até o gato sente a falta, sem ter a quem arranhar, arranha o sofá e mia para o nada. Se ao menos existisse um céu dos bichos, um deus dos bichos, um deus bicho. Sei que pareço sentimental em excesso, falando da morte de um animal fadado ao fim, não sou sempre assim, porém hoje ao acordar me veio o pensamento, não me importo de passar a eternidade no inferno, queimaria junto a esses que apreciam os meus versos, mas o cachorro, o gato, o periquito e o Mujica, esses mereciam e merecem um lugar no céu.



**Poemas**

## Menina poema

Enfim se tornou poema,  
A menina de sorriso acanhado,  
Tão envolvida por seus problemas,  
Não notou o poeta que escrevia ao lado.

## Lei

Cuida de mim,  
Mas me cuida assim,  
Sem pressa de ir embora.  
O tempo não mais demora eu sei,  
Te peço apenas que espere um pouco,  
Que estando sozinho me ponho louco,  
Torno-me poeta de versos clichês,  
Grito aos céus e fico rouco.  
Todos os poetas sabem,  
É da poesia uma lei,  
Não há poema que se salve  
Quando quem amamos tanto,  
Corresponde assim tão pouco.

## O beijo

Os lábios, como se fizessem parte de uma dança coreografada, se tocam, se amassam, se apertam. A língua, atrevida que só ela, ultrapassa a barreira macia e úmida da boca alheia. Agora, as línguas dançam o seu balé. Saliva, vai, vem, umedece pontos distantes, enrijece membros que pulsam. Os sentidos afloram no deflorar do beijo.

## Os olhos dela

Ela leu um poema meu, e após um breve sorriso, disse: “Teu poema me encanta. É quente e perigoso como fogo num canavial durante a madrugada.” Eu sorri, era intrigante a ouvir falar daquele jeito sobre aquele poema. Um poema que escrevi lembrando os olhos dela, enquanto assistia meu barraco de pensar poesias, queimar.



Pele

Tua pele,

Negra como a noite,

Brilhando sob a luz dos postes,

Criando em mim um desejo constante de ti.

## Excitação

Quantos copos desse quinta ainda terei que beber até finalmente ter o teu corpo junto a mim? Estou bêbado, excitado, e sozinho. Caso na volta pra casa, me flagrem em algum beco em meio a atos obscenos, de quem é a culpa? Sua ou do vinho?

Ame um Cacto

Compre uma passagem só de ida para o México

Chegando ao México

Vá até o deserto

Abrace, beije e transe com um cacto

Vista uma roupa de mulher no cacto

Atravesse a fronteira abraçado ao cacto

Vá a Miami

Compre um apartamento

Viva feliz com o cacto

Faça isso tudo

Mas não se apaixone por uma mulher

De olhos verdes que atenda pelo nome Deise

Você se machucaria menos transando com um cacto.

Poesia do teu corpo

Poesia é o teu corpo nu

Poesia que meu corpo deseja

Poesia que se aprecia com os olhos

Poesia que se sente com as pontas dos dedos

Poesia que se declama ao tocar dos lábios, boca, língua.

Poesia é o teu corpo nu

Poesia quando de prazer se contorce

Poesia quando geme e no ato do gozo grita

Poesia quando se deita e deixa a luz toca-la a pele

És poesia e nada que eu escreva fará jus a tal obra prima.

## Amor sem-teto

O amor nem sempre rima.

As vezes faz frio e nesse clima hostil  
o amor senta-se na calçada e fica quieto.

As vezes o amor é um sem-teto.

O amor

O amor é um casal de mendigos transando na calçada da igreja enquanto o padre celebra a união da filha do padeiro com o filho do bicheiro.

O amor não é a coluna social da Gazeta.

O amor é uma pintura de Van Gogh que um lunático com dons artísticos replicou nos muros do manicômio.

O amor não pode ser explicado por mentes lúcidas.

O amor é um velho de 73 anos tendo um enfarte durante uma sessão matinal de sexo selvagem com a esposa da mesma idade.

O amor não é um comercial da Unimed.

O amor é um bêbado cantando Amado Batista na porta de uma funerária numa madrugada chuvosa.

O amor não é um especial do Roberto Carlos.

O amor é um poeta escrevendo estes versos na parede de um mictório na rodoviária de Maceió enquanto espera um ônibus para Bahia.

O amor não é uma história bonita em um livro de capa dura.

O amor é uma briga de facão entre dois cegos.

## Chato

O poeta feliz se faz um chato,  
E se faz de um jeito tão patético,  
que transforma em versos poéticos  
o miado de um gato.

